

Exportações de serviços e o apoio do BNDES

Bruno Galvão
Fabrício Catermol

<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>

EXPORTAÇÕES DE SERVIÇOS E O APOIO DO BNDES

Bruno Galvão
Fabrício Cattermol*

** Respectivamente, economista e gerente da Área de Comércio Exterior do BNDES.*

COMÉRCIO EXTERIOR

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar as tendências atuais do comércio internacional de serviços, com especial ênfase nos segmentos de maior conteúdo intelectual.

As exportações mundiais de serviços apresentaram expressivo crescimento nos últimos anos, alcançando US\$ 3,3 trilhões em 2007, o que correspondeu a 23% do total do comércio mundial. A expansão do comércio de serviços ocorre em praticamente todas as categorias, mas destacam-se alguns setores que ganham impulso com o desenvolvimento das tecnologias de informação e a necessidade de infra-estrutura de países em desenvolvimento.

O setor de serviços pode representar uma importante fonte geradora de divisas, renda e empregos altamente qualificados para os países exportadores. O apoio à exportação de serviços de maior valor agregado é objeto de políticas públicas da maioria dos países no mundo e é realizado pelas principais agências de crédito à exportação. Por se tratar de segmento de alta concorrência, o financiamento é fundamental para as empresas participarem do mercado internacional de comercialização de serviços de maior valor agregado.

No BNDES, é realizado principalmente o apoio à exportação de duas categorias de serviços de alto conteúdo intelectual: software e serviços de engenharia para projetos de infra-estrutura. O apoio à exportação de software e serviços de informática pelo BNDES contou com a renovação e a modificação das condições do Programa Prosoft Exportação, objetivando ampliar o apoio a pequenas e médias empresas. No apoio à exportação de serviços de engenharia e construção, os principais destinos são os países da América Latina e Angola, mercados fortemente demandantes de infra-estrutura e nos quais os exportadores brasileiros sofrem forte competição de empresas de outros países.

As exportações mundiais de serviços têm apresentado expressivo crescimento nos anos recentes. Em 2007, as exportações de serviços foram de US\$ 3,3 trilhões, o que correspondeu a 23% do total do comércio mundial. Nos últimos cinco anos, a taxa de crescimento média anual das exportações de serviços foi de 15,3% a.a, apenas um pouco inferior à do comércio de bens (16,5% a.a.), fortemente influenciada pela elevação dos preços de *commodities*.

As exportações de serviços são representadas por um conjunto extremamente heterogêneo de categorias, incluindo desde transporte, turismo, seguros e aluguéis de equipamentos até categorias que representam a exportação de serviços de elevado conteúdo intelectual, como de informática, arquitetura, engenharia e consultoria empresarial. O crescimento do comércio mundial de serviços ocorre em praticamente todas as suas categorias.

Tradicionalmente deficitário na balança de serviços, o Brasil registrou déficit em todos os anos desde o início da série histórica, em 1947. Nos últimos anos, houve crescimento expressivo do déficit, que aumentou de US\$ 4,9 bilhões, em 2003, para US\$ 13,4 bilhões, em 2007. Isso se deve ao crescimento das importações, principalmente o gasto de brasileiros com turismo no exterior (+ 261% no período). Contudo, as exportações também apresentaram bom desempenho, ao crescerem 129% no mesmo período. O potencial de aumentar as exportações e de diminuir o déficit é um dos principais fatores que justificam políticas específicas para o setor. Um dos grandes destaques foi o crescimento das exportações na categoria de serviços de arquitetura e engenharia, cujas exportações aumentaram de US\$ 1,9 bilhão, em 2003, para US\$ 4,8 bilhões, em 2007.

Há algumas décadas, o setor de serviços era considerado menos relevante do que outros, tanto na teoria econômica quanto na execução de políticas públicas [Silva et alli (2006)]. Os três principais motivos para isso eram os seguintes: (i) considerava-se que, com exceção de transportes e turismo, o setor de serviços não gerava divisas ao exterior; (ii) os serviços apenas responderiam à demanda da indústria, não sendo capaz de elevar autonomamente o crescimento econômico [Clark (1957)]; e (iii) eram atribuídas ao setor características de baixa produtividade e de baixo grau de inovação [Baumol (1967)].

Atualmente, a formulação de políticas de desenvolvimento nos setores de serviços exportáveis está presente na maioria dos países desenvolvidos ou em desenvolvimento. O desenvolvimento das tecnologias de informação e de telecomunicações e a ampliação da abertura comercial a operações de serviços promoveram significativo incremento das transações internacionais nos mais variados

segmentos de serviços, reforçando a preocupação dos governos com as contas de serviços em seus Balanços de Pagamentos.

Nos segmentos de serviços de maior valor agregado, a comercialização externa significa a exportação de conhecimento, no sentido de que a empresa exportadora provê soluções técnicas no exterior. A capacitação de um país para figurar internacionalmente em tais mercados significa que ele é um gerador de conhecimento reconhecido internacionalmente. O setor de serviços pode representar uma importante fonte geradora de renda e empregos altamente qualificados para os países exportadores.

O objetivo deste trabalho é analisar as tendências atuais do comércio internacional de serviços, com especial ênfase nos segmentos de maior conteúdo intelectual, apoiados pelas linhas de financiamento à exportação do BNDES. O artigo está dividido em quatro seções, além desta introdução. A primeira seção realiza uma breve discussão a respeito da disponibilidade de estatísticas sobre o comércio exterior de serviços. A segunda apresenta as tendências atuais da comercialização internacional de serviços, com destaque para as operações relacionadas aos de maior conteúdo intelectual. A terceira seção aborda o financiamento do BNDES à exportação de serviços e traz informações adicionais sobre os dois segmentos que são objeto de suas políticas de apoio: serviços de informática e engenharia. A última seção apresenta as conclusões do trabalho.

Disponibilidade de Estatísticas

Somado às exportações e importações de bens, aos movimentos internacionais de rendas e às transferências unilaterais correntes, o comércio internacional de serviços forma a conta chamada “Transações Correntes” do Balanço de Pagamentos de cada país. As rendas recebidas e enviadas ao exterior são referentes a lucros, dividendos e juros de empréstimos, títulos, investimentos diretos ou em carteira; salários e ordenados. As transferências unilaterais correspondem a doações, ajudas externas e remessas de imigrantes.

Completa o Balanço de Pagamentos a conta “Capital e Financeira”, que compreende as transferências de capital, o investimento externo direto e o investimento em carteira (participações acionárias e títulos de renda fixa). O resultado positivo do Balanço de Pagamentos significará o acúmulo de reservas internacionais pelo país e o resultado negativo, a perda.

O comércio internacional de serviços sempre foi menos estudado do que o de bens e não conta com um sistema de classificação estatística difundido internacionalmente, como o disponível

para o comércio internacional de bens, para o qual existem detalhadas classificações que conseguem distinguir mais de 5.000 tipos diferentes de produtos. As recomendações do FMI para a elaboração do Balanço de Pagamentos sugerem apenas 17 categorias básicas para a agregação dos serviços exportados e importados por cada país.

Em 2002, a Comissão de Estatísticas da Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou o Manual de Estatísticas em Comércio Exterior de Serviços (MSITS, do inglês Manual on Statistics of International Trade in Services), elaborado pela Interagency Task Force on Statistics of International Trade in Services, formada por representantes de seis organismos internacionais: ONU, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, do inglês United Nations on Trade and Development), Fundo Monetário Internacional (FMI), Comissão Europeia e Organização Mundial do Comércio (OMC). A “força-tarefa” foi criada em 1994 como resposta à crescente demanda de governos, empresas e analistas por estatísticas sobre o comércio de serviços passíveis de serem comparadas internacionalmente. A demanda pela uniformização de conceitos para a definição de estatísticas sobre serviços foi ampliada pelas próprias necessidades originadas de negociações internacionais e acordos comerciais entre os países, destacando-se o General Agreement on Trade in Services (GATS), que se tornou efetivo a partir de 1995.

A OMC divulga anualmente estatísticas agregadas sobre o comércio exterior de serviços no mundo em três grandes categorias:¹ transportes, turismo e “outros serviços”, que neste trabalho será denominada de serviços não-tradicionais. Abril é o mês de divulgação dos dados de exportação e de importação de serviços de todos os países do ano anterior, que podem ser revistos posteriormente, uma vez que alguns países informam, inicialmente, apenas estimativas e não as estatísticas definitivas. Os dados sobre o comércio exterior por subsetores, com base nas três categorias principais, são disponibilizados com maior defasagem: atualmente, o último dado é o referente ao ano de 2005.

¹ As estatísticas da OMC não incluem serviços governamentais, apenas comerciais.

O MSITS estabelece diretrizes para a coleta e a disseminação de estatísticas sobre o comércio de serviços, apresentadas ao longo de suas quase duzentas páginas. O documento descreve os tipos de serviços a serem considerados, mostra como medi-los e apresenta as correspondências entre as classificações existentes para segmentos de serviços. Além disso, faz recomendações para estender a quinta edição do Manual de Balanço de Pagamentos do FMI com o objetivo de divulgar mais detalhes sobre os serviços comercializados.

A extensão proposta pelo MSITS às contas do Balanço de Pagamentos detalha os tipos de serviços prestados segundo a Central Product Classification (CPC), versão 1.0, da ONU, além de trazer correspondência com a GNS/W/120, a lista de serviços identificados dentro do escopo do GATS. Para a descrição de bens, a CPC é plenamente compatível com o Sistema Harmonizado da World Customs Organization, uma das classificações mais difundidas para o acompanhamento do comércio exterior de bens no mundo, e utilizada como base para a construção da Nomenclatura Comum do Mercosul, adotada pelo Brasil. Para serviços, a CPC é a primeira classificação internacional a cobrir todo o espectro de seus vários segmentos.

A definição de serviços do MSITS segue, geralmente, o estabelecido pelo Sistema de Contas Nacionais de 1993, no qual são definidos como

impossíveis de serem comercializados separados de sua produção e tipicamente realizados sob encomenda. No momento que sua produção é terminada, os serviços devem ter sido fornecidos aos consumidores (p. 7).

Serviços são, freqüentemente, difíceis de serem separados dos bens associados a eles em várias formas. Alguns tipos de serviços podem ainda quebrar uma das premissas de sua definição anterior, ao serem produzidos e comercializados posteriormente.

A definição das Contas Nacionais faz ressalvas a essas questões ao qualificar a mencionada definição:

Existe um grupo de setores (...) que produzem serviços com características de bens, representadas pela provisão, armazenagem, comunicação e disseminação de informações, assessoria e entretenimento no sentido amplo desses termos – a produção de informações, notícias, relatórios de consultoria, programas de computador, filmes, músicas etc. Os produtos dessas indústrias são freqüentemente armazenados em objetos físicos – papéis, mídias ou meios eletrônicos – que podem ser comercializados como bens comuns (ibid.).

As Exportações de Serviços no Mundo

Os países desenvolvidos dominam grande parte das exportações de serviços no mundo, mas países como a China e a Índia vêm aumentando significativamente suas participações no comércio mundial de serviços. Em 2007, esses dois países estiveram entre os 12 maiores exportadores de serviços do mundo. O Brasil ainda tem relevância reduzida nas exportações de serviços, se comparado ao tamanho da sua economia, ocupando apenas a 31ª posição (ver Tabela 1).

Tabela 1

Balança de Serviços* dos 12 Maiores Exportadores e do Brasil

(Em US\$ Bilhões)

PAÍS	EXPORTAÇÕES			IMPORTAÇÕES			SALDO	
	2000	2007	CRESCIMENTO (%)	2000	2007	CRESCIMENTO (%)	2000	2007
1 EUA	278	454	63	208	336	61	70	119
2 Reino Unido	119	263	122	97	193	100	22	70
3 Alemanha	80	197	148	136	245	81	-56	-48
4 Japão	73	136	85	114	157	38	-41	-22
5 França	80	130	63	60	120	102	20	10
6 Espanha	52	127	145	33	97	195	19	31
7 China	30	127	320	36	129	260	-6	-2
8 Itália	56	109	94	55	117	114	1	-8
9 Países Baixos	48	91	88	50	89	78	-2	2
10 Irlanda	18	87	375	31	93	196	-13	-5
11 Índia	16	86	439	19	78	313	-3	8
12 Hong Kong	40	82	103	25	40	63	16	42
31 Brasil	9	23	151	16	34	116	-7	-11

Fonte: *Elaboração própria, com base em dados da OMC.** *Não inclui serviços governamentais.*

Nos últimos dez anos, as exportações dos países emergentes vêm crescendo acima da média mundial. A taxa de crescimento média anual dos países desenvolvidos foi quatro pontos percentuais inferior à dos demais naquele período. A região de maior expansão no período foi a Ásia em desenvolvimento – denominação do FMI para os países do sul, do sudeste e do leste da Ásia, com exceção dos tigres asiáticos e do Japão –, com crescimento médio de 17% a.a. No mesmo período, a expansão média dos Estados Unidos e do Canadá foi significativamente menor: 7% a.a. O crescimento dos países latino-americanos também foi inferior ao dos demais países não-desenvolvidos e da própria média mundial (ver Tabela 2).

Apesar do crescimento das exportações dos países emergentes, os maiores superávits na balança de serviços são ainda de países desenvolvidos (ver Tabela 3). Em 2007, os nove maiores saldos ocorreram em nações industrialmente avançadas. Por outro lado, países como Rússia, Brasil e Tailândia têm substanciais déficits na balança de serviços.

Tabela 2

Exportações de Serviços por Região/Continente: 1990 a 2007

(Em US\$ Bilhões e Taxa de Crescimento ao Ano)

REGIÕES/CONTINENTES	1990	1995	1998	2000	2005	2007	CRESCIMENTO 2007/1998 (%)
Desenvolvidos	649	943	1.068	1.178	1.898	2.435	10
União Européia (15)	368	498	573	604	1.082	1.399	10
EUA e Canadá	151	224	272	317	416	516	7
Japão	41	69	67	73	108	136	8
Outros Desenvolvidos	88	152	157	183	293	385	10
Subdesenvolvidos	n.d.	n.d.	248	280	530	775	14
Ásia em Desenvolvimento	33	74	81	98	212	327	17
África	19	26	28	32	58	84	13
América Latina	30	44	53	60	85	108	8
Oriente Médio	n.d.	n.d.	27	34	59	79	13
Europa Oriental	13	36	39	40	75	113	13
CEI	n.d.	n.d.	20	18	42	64	14

Fonte: *Elaboração própria, com base em dados da OMC.*

Tabela 3

Os 10 Maiores Déficits e Superávits em Serviços: 2007

(Em US\$ Bilhões)

MAIORES SUPERÁVITS		MAIORES DÉFICITS	
País	Valor	País	Valor
EUA	119	Alemanha	-48
Reino Unido	70	Japão	-22
Hong Kong	42	Coréia do Sul	-20
Espanha	31	Canadá	-19
Suíça	29	Rússia	-19
Luxemburgo	24	Brasil	-11
Grécia	24	Tailândia	-10
Austria	17	Itália	-8
Suécia	15	Cazaquistão	-8
Turquia	14	México	-7

Fonte: *Elaboração própria, com base em dados da OMC.*

Boxe A

Exportações de Bens versus Serviços

Apesar de atualmente apresentar taxas de crescimento semelhantes, a exportação mundial de serviços ainda representa apenas cerca de um quarto do valor comercializado em bens. Segundo estimativas da OMC, em 2007, foram exportados US\$ 13,4 bilhões de bens, contra US\$ 3,3 bilhões de serviços.

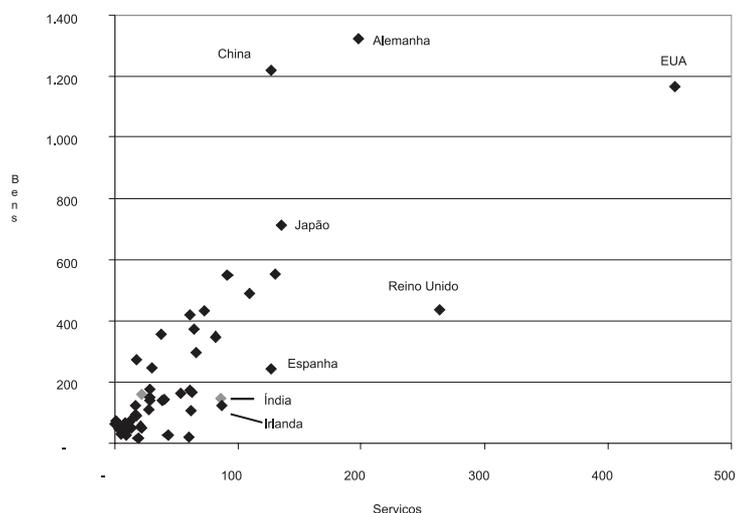
Existe forte correlação entre a capacidade de vender no exterior os dois tipos de produtos (países com grandes volumes de exportação de bens também exportam grandes volumes de serviços), mas podem ser observados casos de destaque na alteração entre os *rankings* no comércio internacional dos dois tipos de produtos (ver Gráfico A1).

Os Estados Unidos (EUA) são, atualmente, os maiores exportadores de serviços, mas já foram suplantados no comércio de bens por Alemanha e China. O Reino Unido é um exportador de serviços relativamente muito maior do que de bens, assim como Espanha, Índia e Irlanda. O Brasil apresenta, na exportação de bens, participação (1,2% sobre o total mundial) muito maior do que na exportação de serviços (0,7%).

Gráfico A1

Exportações de Bens e de Serviços no Mundo* em 2007

(Em US\$ Bilhões)



Fonte: *Elaboração própria, com base em dados da OMC.*

* 50 países com exportação de bens e serviços superior a US\$ 35 bilhões em 2007.

Boxe B Chipre

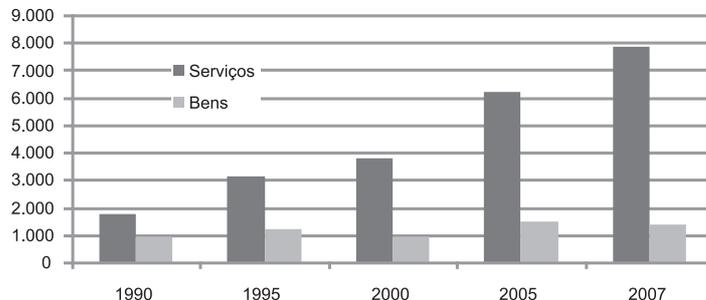
As receitas originadas de transporte e turismo podem ser muito importantes para alguns países, como é o caso de Chipre. Em 2007, as exportações cipriotas de serviços foram de US\$ 7,9 bilhões, valor quase seis vezes superior ao de suas exportações de bens. As exportações de bens do país estão estagnadas há pelo menos vinte anos, mas as exportações de serviços cresceram fortemente, duplicando nos últimos seis anos (ver Gráfico B1). As principais exportações de bens do país são de vestuário e produtos agrícolas.

O turismo é a principal atividade econômica da ilha, existindo grande número de ruínas pré-históricas, antigos santuários, basílicas pré-cristãs, igrejas bizantinas e outros pontos turísticos muito procurados. Os navios de bandeira cipriota formam a quinta maior frota do mundo de marinha mercante. Além de transporte e turismo, as receitas de serviços financeiros também são importantes para a economia de Chipre.

Gráfico B1

Exportações de Bens e Serviços de Chipre: 1990 a 2007

US\$ Milhões



Fonte: *Elaboração própria, com base em dados da OMC.*

O valor agregado da expansão das exportações de serviços esconde uma alteração expressiva. Há uma tendência de redução da participação do transporte internacional. Em 1980, esse setor representava 37% do total das exportações de serviços. Em 2007, essa proporção havia caído para 23% e as receitas originadas do transporte internacional alcançaram US\$ 742 bilhões, um crescimento de 18% em relação ao ano anterior. Os maiores exportadores desse serviço naquele ano foram, pela ordem, os seguintes: EUA, Alemanha, Japão, Dinamarca, Coreia do Sul, Reino Uni-

do, China, França, Hong Kong e Países Baixos. Esses dez países foram responsáveis por 54% das exportações mundiais em 2007. É notável o crescimento chinês: as receitas cambiais da China com transporte internacional aumentaram 802% entre 1995 e 2007, enquanto as do mundo aumentaram 145% e as dos EUA, o maior exportador, 72%.

O turismo internacional manteve a participação estável entre 27% e 28% no mesmo período. Em 2007, o setor faturou US\$ 862 bilhões. Os países cujos turistas estrangeiros mais gastaram foram os seguintes: EUA, Espanha, França, Itália, China, Reino Unido, Alemanha, Austrália, Turquia e Áustria. A China destaca-se pelo elevado crescimento entre 1995 e 2007 (+ 357%), enquanto os EUA chamam atenção pelo crescimento reduzido (+ 62%). Há uma clara influência dos atentados de 11 de setembro e das políticas de restrição de vistos que se seguiram sobre as receitas com turismo nos EUA. As receitas daquele país caíram ano a ano após o atentado e, em 2003, foram 15% menores do que tinham sido em 2000. Mesmo com uma recuperação significativa, após 2004, o crescimento médio anual no período de 2000 a 2006 foi de apenas 1,4%, muito abaixo do crescimento da renda mundial no período.

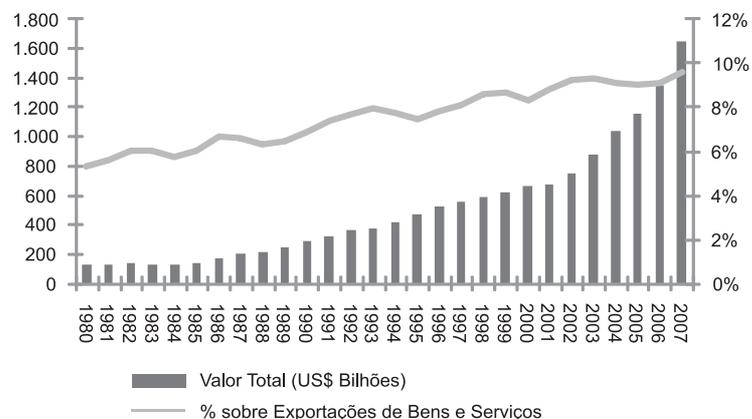
Os setores de serviços classificados como “outros” pela OMC – e denominados de “serviços não-tradicionais” no presente artigo – incluem uma ampla gama de tipos que vão desde o pagamento de aluguéis e seguros até serviços de alto conteúdo intelectual, como de informática, arquitetura, engenharia, jurídico, P&D, marketing e audiovisual.

Os Setores de Serviços Não-Tradicionais

Alguns segmentos de serviços não-tradicionais exportados apresentam elevado potencial de relação produto/capital, com o amplo emprego de mão-de-obra especializada. Além disso, em muitos casos, a prestação de serviços especializados de maior valor agregado utiliza infra-estrutura tecnológica, havendo fortes ganhos de escala. Depois de desenvolvida a “capacidade de fazer” (capacitação técnica da mão-de-obra e infra-estrutura física), as possibilidades de crescimento das exportações são amplas.

As exportações mundiais de serviços não-tradicionais mais do que duplicaram nos últimos cinco anos (ver Gráfico 1). A participação dessas categorias no comércio mundial de serviços aumentou de 35%, em 1980, para 37%, em 1990, e para 51%, em 2007. No total do comércio mundial, incluindo não só as vendas de serviços, mas também as de bens, a proporção dos serviços não-tradicionais se expandiu em 50%.

Gráfico 1
Exportações de Serviços Não-Tradicionais no Mundo: 1980 a 2007



Fonte: *Elaboração própria, com base em dados da OMC.*

O crescimento das exportações do setor deve-se a quatro fatores principais. Em primeiro lugar, o desenvolvimento das tecnologias de informática tornou possível a realização de determinados serviços a distância, como atendimento ao consumidor. Essas tecnologias também auxiliam a prestação de serviços já prestados no exterior, mas anteriormente em menor escala, ao permitir que os fornecedores mostrem seus projetos e ao melhorar a fiscalização da execução do serviço a distância. Além disso, essas tecnologias criaram e desenvolveram o mercado para serviços ligados à tecnologia de informações, tal como o desenvolvimento de *software*.

Em segundo lugar, em 1995, foi implantado o GATS para negociar a redução das barreiras ao comércio de serviços. Os países desenvolvidos vêm pressionando os países emergentes a reduzirem barreiras às importações de serviços. Embora mais lentamente do que o comércio de bens, houve uma significativa liberalização dos serviços.

Em terceiro lugar, houve um grande crescimento dos investimentos transnacionais. De acordo com a UNCTAD (2007), o investimento direto externo aumentou de US\$ 154 bilhões (equivalente a 3,1% do total da formação bruta de capital fixo mundial), em 1991, para US\$ 1,3 trilhão (12,6% da formação bruta de capital fixo), em 2006. A contratação de serviços de empresas de diversos países pelas transnacionais eleva a comercialização internacional de serviços.

Em quarto lugar, deve-se destacar ainda que o processo de terceirização aumentou a demanda das firmas por serviços con-

tratados no exterior, já que o desenvolvimento das telecomunicações permite a busca de novos fornecedores em outros países. O sucesso na redução de custo do processo de *outsourcing* na Índia tem incentivado as empresas a procurar fornecedores de serviços no exterior.

Os países desenvolvidos também dominam as exportações de serviços não-tradicionais. Em 2000, esses países corresponderam a 87% do total exportado. Por causa do crescimento acelerado das exportações de serviços não-tradicionais pela China, pela Índia e pela Rússia, essa proporção caiu para 79% em 2007 (ver Tabelas 4 e 5). De qualquer forma, essa concentração é ainda bem mais elevada do que o comércio mundial de bens.

Tabela 4

Principais Exportadores Mundiais de Serviços Não-Tradicionais

(Em US\$ Bilhões)

	PAÍS	1995	2000	2005	2007
1	Estados Unidos	79	130	197	256
2	Reino Unido	41	78	142	193
3	Alemanha	36	41	82	112
4	Irlanda	2	14	52	78
5	Japão	38	39	60	76
6	Índia	2	11	42	66
7	China	6	10	29	55
8	Países Baixos	20	24	46	54
9	Luxemburgo	n.d.	n.d.	34	53
10	França	35	31	46	49
11	Itália	22	19	38	49
12	Hong Kong	12	22	33	44
13	Suíça	12	16	32	44
14	Suécia	7	12	26	40
15	Bélgica	n.d.	n.d.	30	38
16	Cingapura	9	11	27	35
17	Canadá	12	21	30	34
18	Coréia do Sul	8	9	14	25
19	Áustria	7	9	17	24
20	Taiwan	7	12	15	18
21	Rússia	2	3	10	17
22	Noruega	3	6	10	17
23	Dinamarca	5	6	11	15
24	Israel	3	8	11	14
25	Brasil	2	6	8	14

Fonte: *Elaboração própria, com base em dados da OMC.*

Tabela 5

Distribuição das Exportações de Serviços Não-Tradicionais por Grupos

(% sobre o Total de Exportações no Mundo)

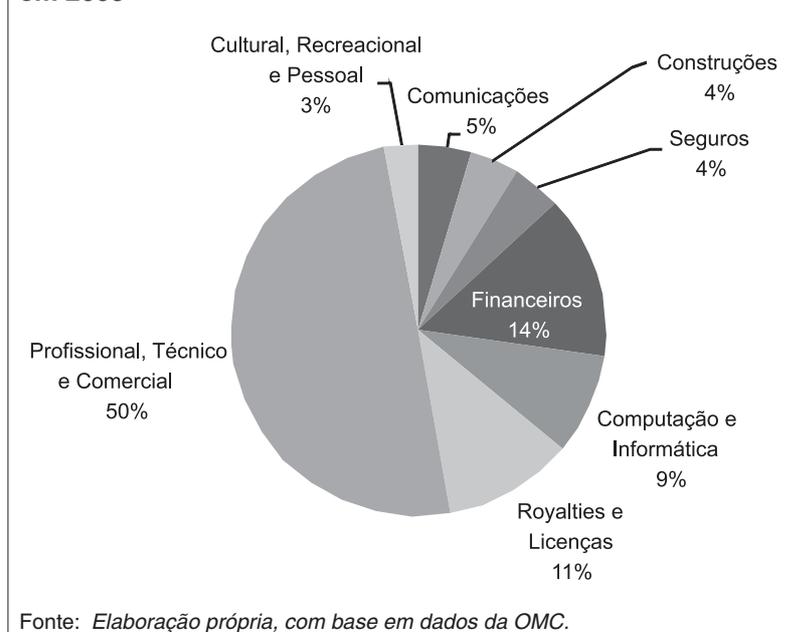
GRUPO DE PAÍSES	1995	2000	2005	2007
Desenvolvidos	85,5	86,3	84,2	78,9
BRICs	2,9	4,5	7,4	9,1
Outros Não-Desenvolvidos	11,6	9,2	8,4	12,0

Fonte: *Elaboração própria, com base em dados da OMC.*

A principal rubrica de serviços não-tradicionais é a de serviços profissionais, técnicos e comerciais, que inclui um amplo conjunto de atividades e foi responsável por quase US\$ 600 bilhões em exportações no ano de 2005, correspondendo a cerca da metade das exportações de serviços não-tradicionais no mundo (ver Gráfico 2).

Gráfico 2

Distribuição das Exportações de Serviços Não-Tradicionais em 2005



A categoria referente a serviços profissionais, técnicos e comerciais inclui alguns dos serviços de maior conteúdo intelectual comercializados internacionalmente. As principais exportações classificadas na categoria são, de acordo com a OMC, as seguintes: as relacionadas ao comércio (22% do total das exportações mundiais da categoria em 2005); as de arquitetura e engenharia e outros serviços técnicos (13%); as de pesquisa e desenvolvimento (12%); as de contabilidade e de gerenciamento (11%); e as de publicidade e

pesquisa de opinião pública (6%). Esses serviços corresponderam a 64% das exportações de serviços profissionais, técnicos e comerciais (ver Gráfico 3).



As atividades de P&D, incluídas nos serviços profissionais, técnicos e comerciais, apresentam maciça participação dos países da União Européia e dos Estados Unidos. As exportações da União Européia foram de US\$ 31,8 bilhões em 2005, enquanto as dos Estados Unidos foram de US\$ 10,1 bilhões. As do Brasil foram de US\$ 40 milhões, valor muito inferior às da Rússia (US\$ 483 milhões), da Índia (US\$ 472 milhões) ou mesmo da Argentina (US\$ 72 milhões).

Os principais exportadores dos serviços profissionais, técnicos e comerciais, em 2005, foram os seguintes: União Européia (52% do total mundial), EUA (11%), Japão (5%), Hong Kong (4%), China (4%) e Índia (3%). O Brasil ocupa o 13º lugar no *ranking* mundial, principalmente graças à grande contribuição das exportações de serviços de arquitetura e engenharia, que representam 40% das vendas brasileiras contabilizadas na categoria.

Outros serviços que tiveram exportações superiores a US\$ 100 bilhões naquele ano foram os financeiros, os referentes a *royalties* e licenças e os de informática e computação.

Os países da União Européia foram responsáveis por 62% do total de US\$ 170 bilhões de exportações de serviços finan-

ceiros no mundo, seguidos de Estados Unidos (21%), Suíça (6%) e Hong Kong (3,5%). Os países da Ásia são responsáveis por 12% das exportações mundiais, com destaque para Japão, Cingapura, Coréia do Sul, Taiwan e Índia, além de Hong Kong, todos com exportações acima de US\$ 1,4 bilhão. O Brasil ocupa o 14º lugar no *ranking* mundial.

Em 2005, os EUA receberam 42% do total de *royalties* e licenças no mundo. Nesse segmento, a participação dos países emergentes foi insignificante. A Rússia, o país não-desenvolvido que mais recebeu pagamentos relativos a *royalties* e licenças, teve uma participação de apenas 0,2% do total mundial.

A Índia destaca-se nas exportações de serviços de computação e de informação. O país foi responsável por 15% do total das exportações mundiais desse segmento em 2005, ficando atrás apenas da União Européia, responsável por 57% do total mundial, estimado em US\$ 105 bilhões. Os Estados Unidos ocuparam o terceiro lugar (7,8% do mercado mundial), seguidos de Israel (4,3%), Canadá (3,7%) e China (1,8%). Os países asiáticos foram responsáveis por 23% das exportações mundiais do setor.

Nos serviços de comunicação, os países asiáticos também apresentam participação significativa, tendo alcançado 19% do comércio mundial do setor em 2005, estimado em US\$ 55 bilhões. União Européia, Estados Unidos e Canadá representam 78% do comércio internacional e a Índia é o quarto maior exportador, com 4% do mercado. Recentemente, destaca-se o aumento das exportações do Kuwait, que ocupa o quinto lugar no *ranking* mundial. O país se especializou nos serviços de telecomunicação móvel, fornecendo serviços para cerca de 27 milhões de assinantes nos países vizinhos do Oriente Médio e da África Subsaariana.

As exportações de serviços pessoais e culturais alcançaram o valor de US\$ 35 bilhões em 2005, dos quais 85% foram originados dos Estados Unidos e dos países da União Européia. O principal componente dessa rubrica são as exportações de audiovisual (US\$ 23 bilhões) das produtoras norte-americanas e européias. O Brasil foi o nono maior importador do mundo dos serviços pessoais e culturais. Entre os países em desenvolvimento, o maior importador é a Malásia, terceiro lugar no *ranking* geral, com importações de US\$ 1,8 bilhão, ficando atrás apenas dos países da União Européia (US\$ 16 bilhões) e do Canadá (US\$ 1,9 bilhão).

De modo similar ao que ocorre nas exportações, a relevância do tamanho do mercado importador dos países emergentes tem se elevado nos últimos anos. Isso se deve, basicamente, ao crescimento acelerado das importações da Ásia em desenvolvimento. Nos últimos 17 anos, a participação da região aumentou de

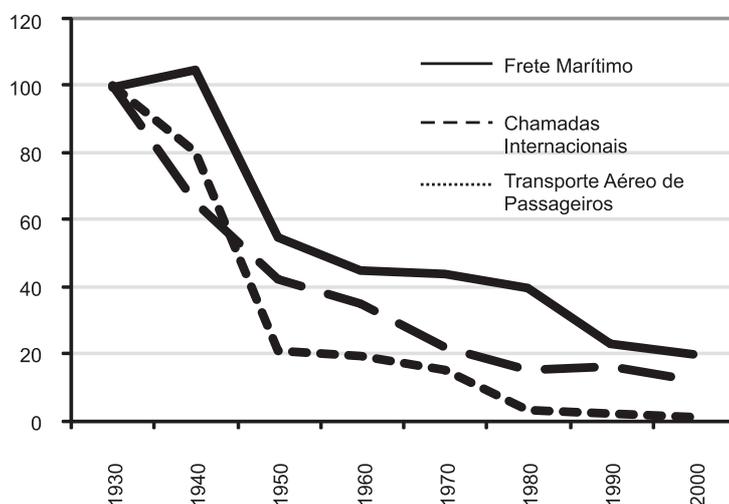
Boxe C Custos de Transporte e Comunicação

Nas últimas seis décadas, os custos de transporte e comunicação declinaram fortemente (ver Gráfico C1). O custo do frete é, atualmente, menos de um quinto do que representava na década de 1940. A queda no custo de serviços de telecomunicação foi ainda maior. Expresso em dólares dos EUA de 2005, o custo de uma ligação de três minutos de Nova York para Londres se reduziu de US\$ 80, em 1950, para US\$ 0,23, em 2007.

Gráfico C1

Custos de Transporte: 1930 a 2000

(1930 = 100)



Fonte: OCDE (2008).

11% para 23% do total das importações mundiais. Outras regiões também apresentaram crescimento das importações de serviços, mas nenhuma se comparou à Ásia (ver Gráfico 4).

Entre os subsetores de serviços não-tradicionais, nas importações de serviços de construção, destaca-se a participação dos países emergentes. Os países da União Européia ainda são os maiores importadores de serviços de construção, em grande parte graças ao fluxo de comércio entre eles próprios. Em 2005, os países da União Européia importaram US\$ 18,7 bilhões nessa categoria de serviços, dos quais US\$ 10,7 bilhões foram referentes ao comércio intrabloco. Mas é surpreendente notar, pelos dados divulgados pela OMC, que três países não incluídos entre as maiores economias do mundo – Cazaquistão, Angola e Azerbaijão – estavam entre os

oito maiores importadores do mundo de serviços de construção em 2005 (ver Tabela 6).

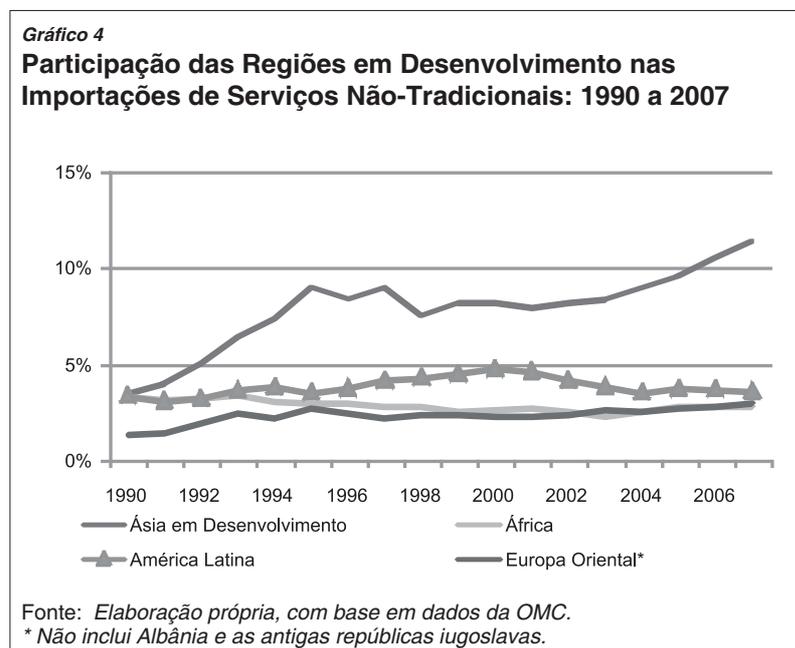


Tabela 6
Maiores Importadores de Serviços de Construção* em 2005
 (Em US\$ Milhões)

	IMPORTADOR	US\$ MILHÕES	VARIAÇÃO 2005/2004 (%)
1	União Européia (25)	18.743	6
2	Japão	4.765	-1
3	Rússia	4.034	32
4	Cazaquistão	1.941	165
5	China	1.619	21
6	Azerbaijão	1.499	9
7	Angola	1.323	53
8	Malásia	1.087	133
9	EUA	1.039	7
10	Índia	774	-
11	Indonésia	726	2
12	Taiwan	376	-33
13	Tailândia	314	37
14	Hong Kong	273	-21
15	Cingapura	271	1
	Total dos 15 principais	38.784	-

Fonte: *Elaboração própria, com base em dados da OMC.*
 * Não inclui os valores referentes a serviços de "arquitetura e engenharia", classificados em rubrica à parte pela OMC, na qual não existe detalhamento suficiente para a elaboração de um ranking mundial porque alguns países não prestam as informações necessárias.

A presença de países em desenvolvimento no mercado mundial comprador de serviços de computação e informática também é expressiva. Novamente, os países da União Européia são os principais importadores no mundo graças ao mercado no próprio bloco econômico (dois terços do total). O Brasil foi o maior importador, em 2005, entre os países em desenvolvimento, logo seguido por China e Índia (ver Tabela 7). Naquele ano, destaca-se ainda o forte crescimento das importações pela Romênia (acima de 300%), que passou a aparecer entre os 15 maiores importadores mundiais dos serviços. O país também é grande exportador de serviços de computação, tendo vendido mais de US\$ 330 milhões ao exterior no mesmo ano.

Tabela 7

Maiores Importadores de Serviços de Computação e Informática em 2005

(Em US\$ Milhões)

	IMPORTADOR	US\$ MILHÕES	VARIAÇÃO 2005/2004 (%)
1	União Européia (25)	31.580	12
2	EUA	8.969	34
3	Japão	2.432	11
4	Canadá	1.792	-6
5	Brasil	1.713	34
6	China	1.623	30
7	Índia	1.498	-
8	Noruega	1.131	97
9	Austrália	802	3
10	Indonésia	561	20
11	Rússia	482	51
12	Hong Kong	427	8
13	Malásia	379	21
14	Romênia	351	323
15	Cingapura	334	6
	Total dos 15 principais	54.074	-

Fonte: *Elaboração própria, com base em dados da OMC.*

O Brasil apresenta elevado déficit na balança de serviços. Desde o início da série acompanhada pelo Banco Central, em 1947, o Brasil nunca registrou superávit na balança de serviços. Em 2007, o déficit foi de US\$ 13,4 bilhões. As exportações de serviços, naquele ano, foram de US\$ 23,9 bilhões e as importações, de US\$ 37,3 bilhões (ver Tabela 8). As receitas brasileiras com serviços cresceram 23% em relação a 2006 e as despesas, 28%.

Exportações Brasileiras de Serviços

As receitas cambiais com transportes internacionais foram de US\$ 4,1 bilhões e com viagens internacionais, de US\$ 5,0 bilhões. Houve um déficit de US\$ 4,5 bilhões em transportes internacionais, de US\$ 3,3 bilhões em viagens e de US\$ 5,6 bilhões em serviços não-tradicionais.

Apesar de também compor uma conta deficitária da balança de serviços, as receitas com as exportações de serviços não-tradicionais são importantes no Brasil. Em 2007, elas foram de US\$ 14,9 bilhões, o que corresponde a 62% do total das exportações de serviços. As exportações de serviços não-tradicionais vêm crescendo significativamente nos últimos anos. Entre 2003 e 2007, a taxa de expansão média foi de 27% a.a.

O Brasil foi fortemente deficitário nas operações no exterior de aluguéis de equipamentos (US\$ 5,8 bilhões de déficit), serviços de computação e informação (US\$ 2,1 bilhões), *royalties* e licenças (US\$ 1,9 bilhão) e serviços governamentais (US\$ 1,1 bilhão).

Em 2007, a única categoria em que o Brasil obteve superávit relevante foi a de exportações de “serviços profissionais e técnicos”, alcançando o saldo de US\$ 6,2 bilhões. A categoria inclui muitos dos segmentos de alto conteúdo intelectual existentes no comércio internacional de serviços. O país foi superavitário nas operações no exterior de serviços de arquitetura e engenharia (US\$ 2,28 bilhões de saldo), instalação/manutenção de escritórios e aluguel de imóveis (US\$ 2,25 bilhões) e honorários de profissionais liberais (US\$ 1,4 bilhão).

Além da importância na constituição de empregos qualificados, as exportações de serviços poderiam apresentar grande potencial de gerar renda e divisas, a exemplo do que ocorre na Índia. De acordo com o Banco Central indiano, no último ano fiscal, os serviços classificados como não-tradicionais (a definição que exclui turismo e transporte) corresponderam a mais de um quarto das exportações totais de bens e serviços do país. No Brasil, essa proporção foi de apenas 7%, abaixo da média mundial, situada em 10%. Há dez anos, as exportações brasileiras e indianas de serviços não-tradicionais eram similares. Atualmente, as exportações da Índia são quase cinco vezes maiores (ver Gráfico 5).

Tabela 8

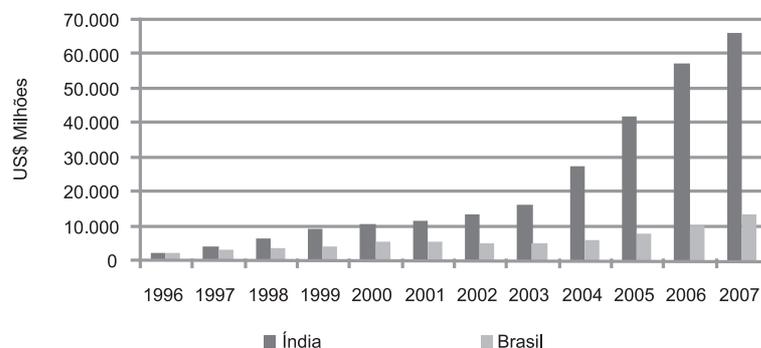
Balança Brasileira de Serviços em 2007

	RECEITA		DESPESA		SALDO
	US\$ Milhões	Participação no Total (%)	US\$ Milhões	Participação no Total (%)	US\$ Milhões
Total de Serviços	23.895	100	-37.250	100	-13.355
Transportes	4.059	17	-8.580	23	-4.521
Viagens Internacionais	4.953	21	-8.211	22	-3.258
Seguros	543	2	-1.308	4	-766
Serviços Financeiros	1.090	5	-807	2	283
Computação e Informação	161	1	-2.273	6	-2.112
Royalties e Licenças	319	1	-2.259	6	-1.940
Aluguel de Equipamentos	31	0	-5.802	16	-5.771
Governamentais	1.340	6	-2.473	7	-1.134
Comunicações	276	1	-96	0	180
Construção	17	0	-4	0	12
Relativos ao Comércio	956	4	-938	3	18
Serviços Profissionais e Técnicos	10.076	42	-3.846	10	6.230
Encomendas Postais	3	0	-36	0	-33
Honorário de Profissional Liberal	1.890	8	-468	1	1.423
Instal./Manut. de Escritórios, Adm. e Aluguel de Imóveis	2.887	12	-632	2	2.254
Participação em Feiras e Exposições	20	0	-57	0	-37
Passe de Atleta Profissional	219	1	-16	0	203
Publicidade	202	1	-119	0	83
Serviços de Arquitetura, Engenharia e Outros Técnicos	4.780	20	-2.513	7	2.267
Serviços de Implantação de Projeto Técnico-Econômico	74	0	-5	0	70
Pessoais, Culturais e Recreação	73	0	-651	2	-578
Audiovisual	17	0	-456	1	-439
Eventos Cultural e Esportivo	57	0	-195	1	-139

Fonte: *Elaboração própria, com base em dados do Banco Central do Brasil.*

Gráfico 5

Exportações de Serviços Não-Tradicionais: Brasil e Índia de 1996 a 2007



Fonte: *Elaboração própria, com base em dados da OMC.*

O Apoio do BNDES à Exportação de Serviços

O apoio à exportação de serviços de maior valor agregado é objeto de políticas públicas da maioria dos países no mundo e é realizado pelas principais agências de crédito à exportação.

Por se tratar de segmento de alta concorrência, o financiamento é fundamental para as empresas participarem do mercado internacional de comercialização de serviços de maior valor agregado. As condições de prazos e custos de financiamento que uma exportadora pode ofertar serão, em muitos casos, igualmente relevantes à da própria qualidade do serviço na decisão do importador de qual empresa contratar no exterior. Nos segmentos de serviços de maior valor agregado, a ausência de financiamento pode impedir a exportação, a despeito de o país deter toda a qualificação técnica para a execução da venda externa.

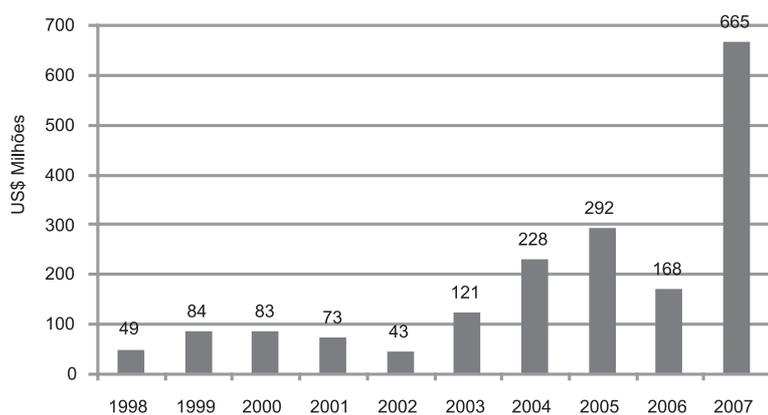
No BNDES, realiza-se principalmente o apoio à exportação de categorias de serviços de alto conteúdo intelectual: *software*, serviços de informática e serviços de engenharia para projetos de infra-estrutura.

O apoio à exportação de serviços pelo BNDES iniciou-se em 1997. A primeira operação foi destinada ao financiamento às exportações de bens e serviços brasileiros utilizados na construção de trechos da rodovia Interoceânica, no Equador. O projeto realizado naquele país consistiu na complementação de dois trechos de rodovia asfaltada, interligando as cidades de La Bonita, Lumbaqui e Cuyabeño ao porto El Carmen del Putumayo, com extensão total de 149 km.

O financiamento para exportação de serviços e bens brasileiros destinados a operações dos setores de informática, engenharia e construção representou desembolsos de US\$ 665 milhões nas Linhas BNDES-*exim* em 2007, valor três vezes maior do que a média dos últimos dez anos, período no qual se realizou esse tipo de financiamento (ver Gráfico 6).

Gráfico 6

Desembolsos nas Linhas BNDES-*exim* para os Setores de Serviços: 1998 a 2007



Fonte: AEX/BNDES.

Um gargalo importante do setor de *software* e serviços de informática é a dificuldade de financiamento: os principais ativos de uma empresa de *software* são intangíveis, o que limita a possibilidade do oferecimento de garantias colaterais aos bancos. Os principais ativos de uma empresa nesse segmento são a capacidade inovadora (a geração de idéias) e a mão-de-obra altamente qualificada. Além disso, o setor de *software* caracteriza-se por elevada incerteza. Quando não trabalham por encomenda, as empresas de *software*, antes de desenvolverem seu produto, têm baixíssima segurança de conseguir comercializá-lo. A concorrência é elevada, sobretudo quando considerado o grande número de empresas fortemente competitivas existentes internacionalmente. Políticas públicas de apoio ao setor são extremamente relevantes e, de fato, existem na maioria dos países desenvolvidos ou em desenvolvimento.

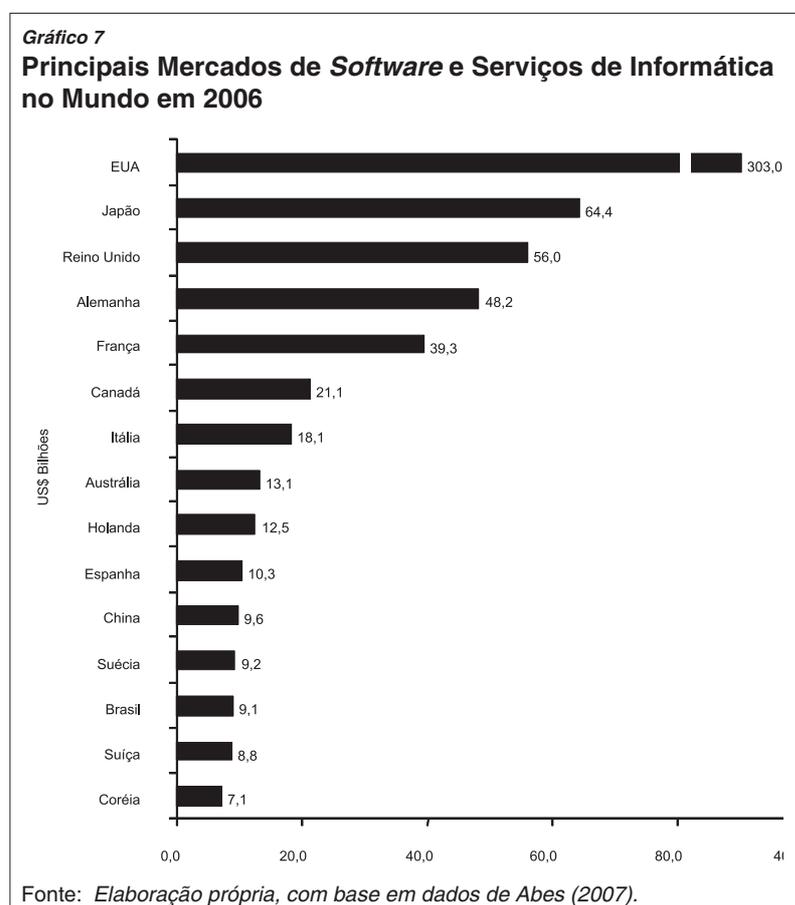
Software e Serviços de Informática

Em uma sociedade do conhecimento, o *software* é fundamental para todo o setor produtivo de uma economia, constituindo a “inteligência” dos sistemas de informática. O setor é muito impor-

tante para a competitividade de quase todos os outros setores, e a existência de um sólido setor nacional faz parte da estratégia de desenvolvimento de grande parte dos países no mundo.

O mercado mundial de *software* é estimado em US\$ 713 bilhões e o Brasil ocupa o relativamente modesto 13º lugar, com um mercado interno de US\$ 9 bilhões. Tanto no segmento de *software* quanto no de serviços de informática, o mercado brasileiro representa cerca de 1,3% do mercado mundial (para as estimativas do mercado brasileiro e mundial, ver Abes, 2007).

Em 2006, o maior mercado mundial de *software* e serviços de informática foi o dos Estados Unidos (US\$ 303,0 bilhões), seguido de Japão (US\$ 64,4 bilhões) e Reino Unido (US\$ 56,0 bilhões), conforme se vê no Gráfico 7. O Brasil é o maior mercado na América Latina, respondendo por 43% do total.



Do total do mercado brasileiro de *software*, apenas um terço é derivado de desenvolvimento local, sendo a maior parte realizada sob encomenda (72% ou US\$ 760 milhões). Os maiores

demandantes de *software* no Brasil são as empresas dos setores industrial (25,4% do mercado total), financeiro (21,3%) e de serviços (15,7%). As exportações são muito pequenas: apenas US\$ 52 milhões em 2006.

No mercado de serviços e informática, a principal atividade é a de *outsourcing* (US\$ 2,5 bilhões), seguida das de suporte e integração de sistemas (ambas com US\$ 1,1 bilhão).

A conta externa no Balanço de Pagamentos referente à exportação de serviços de computação e informática, na qual se inclui a venda de *software*, é altamente deficitária no Brasil. Em 2007, conforme visto na seção anterior, as importações brasileiras foram de US\$ 2,3 bilhões e as exportações, de apenas US\$ 161 milhões.

Segundo a Associação Brasileira de Empresas de Software (Abes), estima-se que existam 7.800 empresas do setor no Brasil, sendo 1.900 dedicadas ao desenvolvimento de *software* e as demais atuantes na distribuição e outros serviços de informática. A grande maioria é formada por empresas de pequeno e médio portes e as grandes representam apenas 0,8% do total. O tamanho das empresas nacionais é pequeno para os padrões internacionais, e a capacidade de inovar – ou seja, de implementar idéias – guarda correlação positiva com o tamanho da firma ou do arranjo de firmas (consórcios, redes e arranjos locais). A necessidade de ampliação de escala de produção significa necessariamente desenvolver um setor que também participe do mercado internacional. As exportações representam grande oportunidade para o desenvolvimento das empresas de *software* e serviços de informática.

O apoio à exportação de *software* e serviços de informática pelo BNDES contou com a renovação e a modificação das condições do Programa Prosoft Exportação, que objetiva financiar o desenvolvimento e a comercialização de *software* e/ou serviço de informática a ser exportado. Um dos principais objetivos das alterações no programa foi a ampliação do apoio a pequenas e médias empresas, a partir da possibilidade de realização de operações com garantias mais flexíveis.

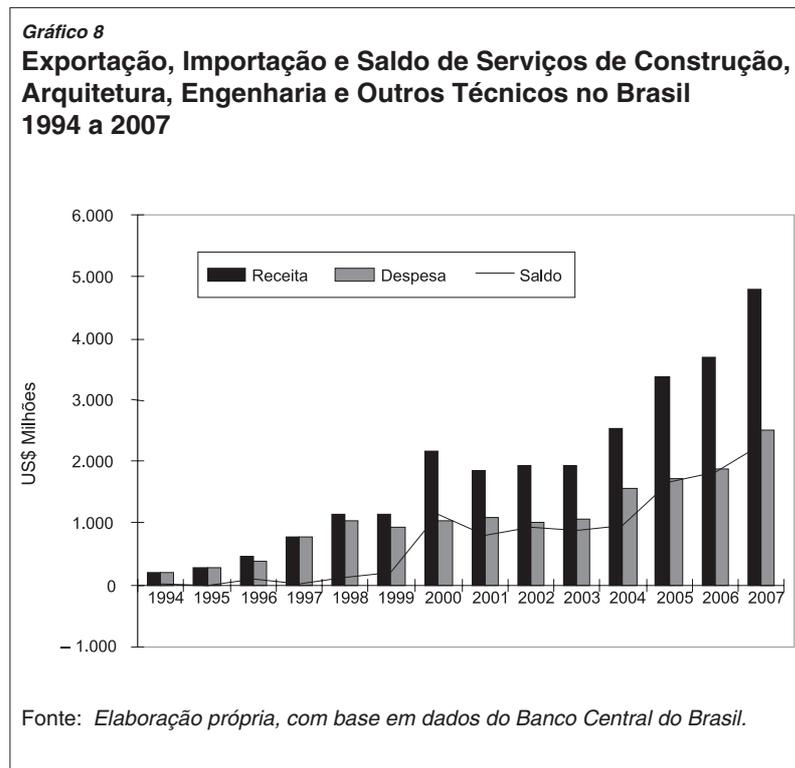
Prorrogado até 2012, o programa teve como principais alterações as seguintes: (i) criação da modalidade direta para operações tanto para a fase de desenvolvimento (pré-embarque) quanto para a de comercialização (pós-embarque); e (ii) ampliação do prazo de até 18 meses para até 36 meses nos financiamentos pré-embarque nas modalidades indireta e direta.

Na modalidade direta para desenvolvimento (pré-embarque), os financiamentos poderão dispensar a constituição de garan-

tias reais para operações de até US\$ 2 milhões por empresa. Na modalidade direta para comercialização externa (pós-embarque), o financiamento poderá ser realizado com o estabelecimento de regresso contra o exportador, dispensando a necessidade de garantias adicionais para operações de até US\$ 2 milhões por exportador. A taxa de desconto nas operações foi reduzida para no mínimo 0,5% ao ano, acrescida da Libor do período do financiamento, e o prazo da operação poderá alcançar cinco anos.

Serviços de Engenharia e Construção para Infra-Estrutura

No Brasil, a conta do Balanço de Pagamentos na qual está incluída a exportação de serviços de arquitetura e engenharia é uma das poucas superavitárias na seção de serviços. Há mais de uma década, a conta apresenta saldo positivo para o país (ver Gráfico 8). Em 2007, foram exportados US\$ 4,7 bilhões, originando um superávit de US\$ 2,3 bilhões. A rubrica apresenta superávit superior a US\$ 1,5 bilhão há três anos consecutivos. O déficit total do Brasil na Balança de Serviços foi de US\$ 13,6 bilhões no ano passado.



O mercado internacional desse tipo de serviços é altamente competitivo. É predominante a participação de empresas provenientes de países desenvolvidos, com a hegemonia das empresas norte-americanas, francesas, italianas, espanholas, suecas, alemãs, japonesas e, mais recentemente, chinesas. Nos demais países, especialmente aqueles em desenvolvimento, é comum haver apenas um pequeno número de empresas com porte suficiente para competir no mercado internacional. Na relação das 225 maiores empresas de engenharia exportadoras no mundo, elaborada pela *Engineering News Record*, são classificadas em 2005 apenas três sul-americanas, todas brasileiras: Construtora Norberto Odebrecht (21^a), Construtora Andrade Gutierrez (91^a) e Construções e Comércio Camargo Corrêa (199^a).

A China tem se tornado uma grande exportadora de bens e serviços de construção e engenharia. Atualmente, há uma grande quantidade de obras de infra-estrutura sendo realizadas por chineses na África e em países pobres da Ásia. As principais vantagens competitivas da China são o *know-how* recentemente adquirido por causa do grande volume de investimentos públicos realizados nos últimos dez anos e a forte diplomacia de promoção ao crédito para países que estão pelo menos parcialmente excluídos das tradicionais fontes de financiamento externo. As exportações de serviços de construção e de engenharia pela China têm sido ainda mais elevadas do que o crescimento de suas exportações de bens: em 2005, último ano com dados disponíveis, esse crescimento foi de 77%.

A área de influência das empresas de engenharia no mercado internacional ocorre, na grande maioria dos casos, nas suas próprias regiões geográficas. A segmentação regional do mercado de serviços de engenharia decorre basicamente da existência de fortes barreiras à entrada de empresas de outros países, que podem envolver tanto aspectos culturais (língua, cultura e religião) quanto o sistema legal. Atualmente, as empresas brasileiras de serviços de engenharia concentram seus projetos em execução em países da América Latina e, em menor extensão, no Oriente Médio e na África, além da Europa e dos EUA, mercados nos quais as empresas brasileiras atuam por meio de subsidiárias locais [BNDES (2007)].

Condições adequadas de financiamento são fundamentais para a competitividade das empresas no mercado internacional de serviços de engenharia e construção, no qual muitas vezes a escolha do prestador de serviços ocorre por meio de licitações públicas realizadas para a realização de obras dos respectivos governos.

No BNDES, os principais destinos das exportações financiadas de serviços e bens brasileiros associados a projetos de infra-estrutura foram os países da América Latina, alcançando o valor de

US\$ 424 milhões em 2007, com forte ênfase em exportações brasileiras para projetos de integração sul-americana. Os desembolsos referentes a operações com importadores no continente representaram o maior valor desembolsado em um ano em toda a história do início do apoio à exportação de serviços pelo BNDES, em 1997. A carteira total de operações na América Latina situa-se em US\$ 11,0 bilhões, compreendendo exportações de bens e serviços brasileiros para um amplo conjunto de projetos, tais como hidrelétricas, gasodutos, metrô, rodovias, sistemas de abastecimento de água e de transmissão de energia.

O financiamento à exportação de bens e serviços em projetos de infra-estrutura é responsável por um forte efeito multiplicador na geração de emprego e renda no Brasil, ao acionar uma grande cadeia de fornecedores brasileiros nos projetos conduzidos pelas construtoras brasileiras no exterior. Os serviços de engenharia apoiados pelas Linhas BNDES-*exim* incluem as etapas de elaboração de estudos, projetos básicos de engenharia, estudos de viabilidade econômico-financeiros, estudos de impacto ambiental e o gerenciamento de projetos. São serviços que apresentam alto conteúdo intelectual e requerem, portanto, profissionais brasileiros qualificados.

Além das operações no continente latino-americano, destaca-se, recentemente, o início das liberações referentes à Linha de Crédito à República de Angola. Os Protocolos de Entendimento entre os dois países estabeleceram uma linha de crédito total de US\$ 1,75 bilhão, permitindo o apoio à exportação de bens e serviços brasileiros destinados a projetos priorizados pelo governo angolano em seu esforço de reconstrução do país após o longo período de guerra civil. Está incluída nos projetos priorizados a construção de hidrelétricas, linhas de transmissão, rodovias, centros de treinamento profissional para a população local, sistemas de saneamento e distribuição de água encanada.

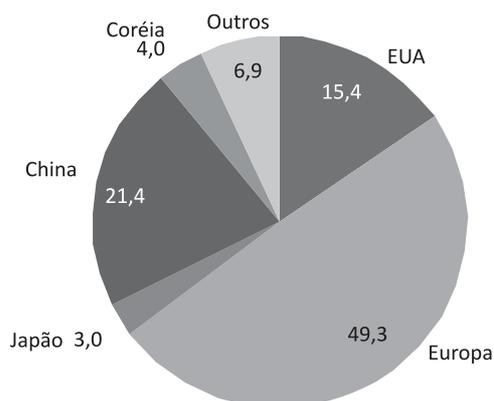
A grande demanda existente naquele país constitui uma rara oportunidade para as empresas brasileiras expandirem sua atuação no exterior, e o apoio das Linhas BNDES-*exim* é fundamental para que elas possam lidar com a intensa competição de empresas européias e chinesas interessadas no mesmo mercado.

As empresas européias são responsáveis por grande parte das obras de infra-estrutura na África (ver Gráfico 9). As empresas francesas são as que apresentam a maior parcela do mercado de construção no continente, com aproximadamente um quarto do total. As italianas, alemãs e inglesas apresentam participações entre 5% e 7% do mercado africano. As de origem nos Estados Unidos são responsáveis por cerca de 15%, apesar de já terem alcançado participação similar à das francesas no início desta década. A

retração na participação no mercado africano ocorre também nas empresas japonesas, que reduziram sua participação, em relação ao final da década passada, de 5% para 3%.

Gráfico 9

Participação Percentual no Mercado Africano por Nacionalidade das Empresas Contratadas para Execução de Obras de Construção em 2005



Fonte: *Elaboração própria, com base em estimativas realizadas em Chen et ali (2007).*

A mão-de-obra utilizada pelas empresas chinesas na África apresenta grande participação de trabalhadores oriundos da própria China. Do total da força de trabalho, estima-se que quase a metade seja de chineses. Nos cargos de gerenciamento, esse percentual supera os 90%. Apenas 1% da força de trabalho dos projetos conduzidos por empresas chinesas é proveniente de outros países que não a China ou a própria África.

As exportações mundiais de serviços têm crescido fortemente nos anos recentes, graças à maior liberalização comercial no setor, ao desenvolvimento de tecnologias de informação e à maior demanda dos países em desenvolvimento. No comércio mundial, as exportações de serviços não-tradicionais apresentam crescente importância, como serviços financeiros, *royalties*, informática, engenharia e construção, P&D e do setor audiovisual.

Na maioria das categorias de serviços exportáveis, há forte predomínio dos países desenvolvidos, mas alguns países em desenvolvimento apresentam atualmente altas taxas de crescimento em vários segmentos; são notáveis os exemplos de China e Índia. O Brasil sempre foi deficitário na balança de serviços e nos anos

Conclusões

recentes vivenciou um aumento tanto de suas importações quanto de suas exportações. A balança de serviços brasileira é superavitária apenas na rubrica referente a serviços profissionais e técnicos, na qual estão incluídas as exportações de serviços de arquitetura, engenharia, instalação e manutenção de escritórios, aluguel de imóveis e honorários profissionais.

Políticas públicas de apoio à exportação de serviços, principalmente para as categorias de maior conteúdo intelectual, são atualmente objeto da maioria dos países desenvolvidos ou em desenvolvimento. O setor de serviços é reconhecido como um importante gerador não só de divisas, mas também de empregos qualificados para os países exportadores. O BNDES tem representado um papel relevante no apoio à exportação brasileira de serviços em duas categorias de elevado conteúdo intelectual: (i) *software* e serviços de informática; e (ii) engenharia para projetos de infraestrutura no exterior.

Referências

- ABES – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE SOFTWARE. *Mercado brasileiro de software: panorama e tendências*. São Paulo: Associação Brasileira das Empresas de Software, 2007.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. *Balanço de Pagamentos*. Brasília: Banco Central do Brasil, 2008.
- BAUMOL, W. J. “Macroeconomics of unbalanced growth: the anatomy of urban crisis”. *American Economic Review*, v. 57, n. 3, p. 415-426, jun. 1967.
- CLARK, C. *The conditions of economic progress*. Londres: Macmillian, 1957.
- CHEN, Chuan et al. *An empirical analysis of chinese construction firms’ entry into Africa*. “International Symposium on Advancement of Construction Management and Real Estate”, Sydney, 8-13 de agosto de 2007.
- OCDE – ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. *The internationalisation of business R&D: evidence, impacts and implications*. Paris: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, 2008.
- ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. “Manual on Statistics of International Trade in Services”. Organização das Nações Unidas, Department of Economic and Social Affairs Statistics Division, 2007 (Statistical Papers, 86).
- OMC – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO. *International Trade Statistics*. Genebra: Organização Mundial do Comércio, 2007.

_____. *World Trade Report*. Genebra: Organização Mundial do Comércio, 2008.

_____. *Trade Statistics Database*. Disponível em: www.wto.org.

SILVA, Alexandre Messa et al. *Economia de serviços: uma revisão de literatura*. Brasília: Ipea, 2006 (Texto para Discussão, 1.173).

UNCTAD – UNITED NATIONS ON TRADE AND DEVELOPMENT. *World Investment Report*. Genebra: UNCTAD, 2007.